

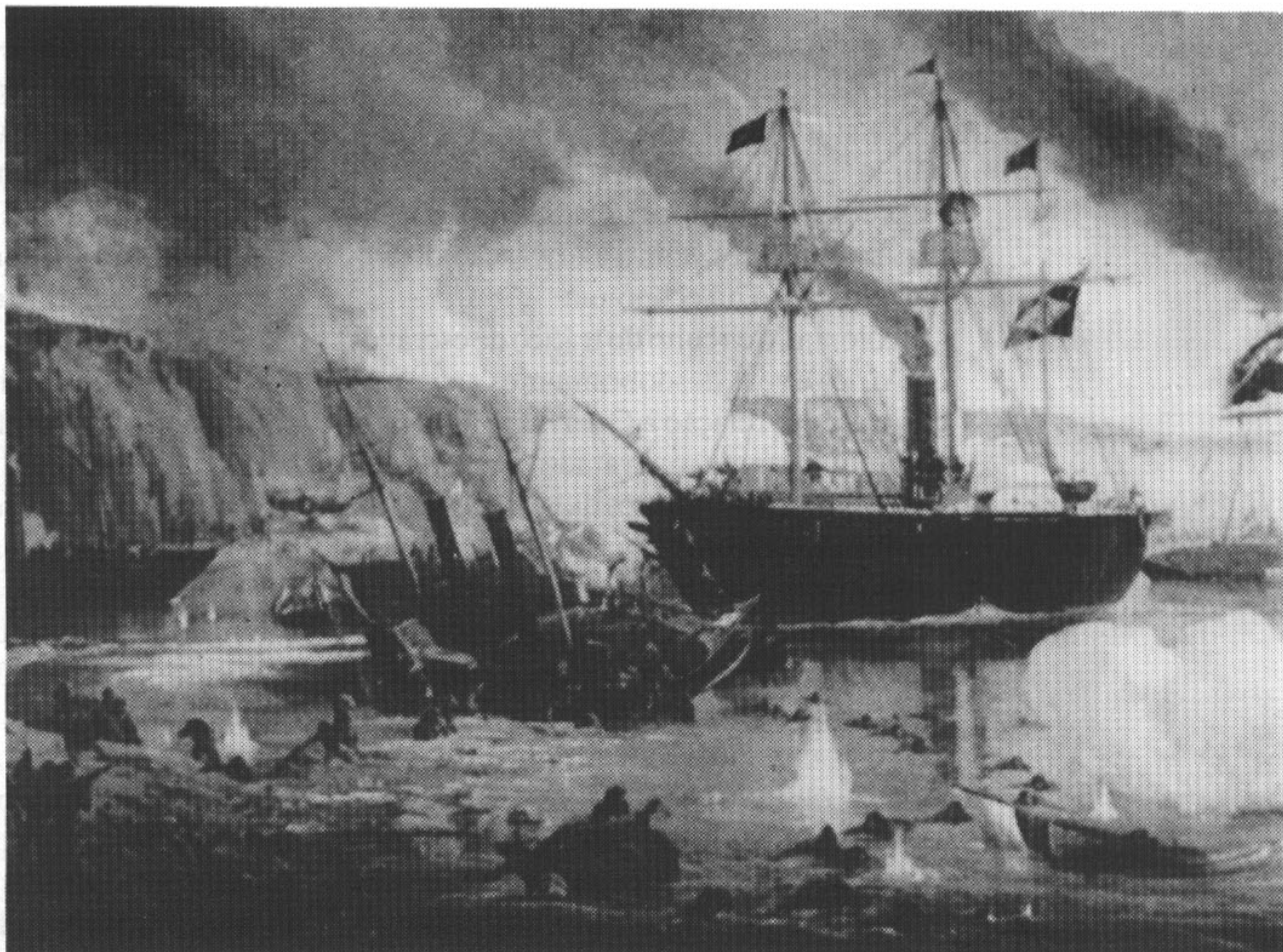
# A CONSTRUÇÃO DO HISTORIADOR

*O encadeamento entre passado e presente*



EM CARICATURA  
DA REVISTA  
ILUSTRADA  
(1891) DEODORO  
DA FONSECA  
É ELEITO  
PRESIDENTE  
DA REPÚBLICA

A BATALHA  
DO RIACHUELO  
UM DOS MAIS  
FAMOSOS  
CONFRONTOS  
DA GUERRA  
DO PARAGUAI



Uma das cartas de sua extensa e notável correspondência, Capistrano de Abreu, um historiador incansável na busca de significados maiores para a história do país, escreveu que “o ideal da História do Brasil seria uma em que o lugar ocupado pelas guerras flamengas e castelhanas passasse aos sucessos estranhos a tais sucessos” - e terminava, por um vaticínio otimista: “Talvez os nossos netos consigam ver isto”.

Narrador dos ritmos lentos da sociedade, Capistrano sonhava com o ideal de uma história que a historiografia da sua época - marcada pelo determinismo e pelo racismo - não conseguiu realizar. Uma história que revelasse, por trás do sincopado dos eventos políticos biográficos e anedóticos, as forças profundas, os grandes processos e os significados peculiares da história do Brasil.

Depois de ler a síntese da história brasileira, elaborada por Boris Fausto em *História do Brasil*, podemos afirmar que a historiografia brasileira, no seu estágio atual, realizou, sem dúvida, o ideal arquitetado por Capistrano de Abreu na sua famosa carta de 1916. A explicação dos grandes processos predomina sobre a narrativa do miúdo e do incidental, a informação é pertinente e, ao contrário da maioria dos livros didáticos, equilibrada e bem distribuída. Sem subestimar a inteligência dos leitores, um glossário

**ELIAS THOMÉ SALIBA** é professor do Departamento de História da USP e autor de *As Utopias Românticas* (Brasiliense).

*História do Brasil*, de Boris Fausto, São Paulo, Edusp/FDE, 1995.

biográfico e uma cronologia complementam a densidade das mais de quinhentas páginas.

O autor apresenta, com rara clareza e amplo discernimento, as mais diversas interpretações historiográficas em vários temas importantes, como a utilização do trabalho escravo na economia

colonial, o circuito do tráfico de escravos da África e seus desdobramentos econômicos, e até em relação à Guerra do Paraguai, um item bastante maltratado na caótica ciranda editorial dos livros didáticos de história. Para todos esses temas, o autor apresenta informação atualizada e acessível. A manutenção da unidade territorial no Império é discutida, no espaço de duas páginas, a partir de perspectivas interpretativas opostas, sem perder nada do seu rigor conceitual. As relações entre Estado e sociedade, engendradas no período colonial, são sumarizadas a partir de perspectivas interpretativas clássicas, como as de Oliveira Viana e Raimundo Faoro. Nesse aspecto, *História do Brasil* também mostra-se superior aos livros didáticos mais tradicionais, pois ajuda a quebrar a noção metafísica de verdade única, mostrando que a objetividade da história, como bem diz o autor na introdução do livro, “passa pelo trabalho de construção do historiador”.

Outro desdobramento importante desse recurso de, quando possível, expor as interpretações historiográficas, é o relacionamento constante com as questões da história contemporânea: os exemplos da atualidade se multiplicam em quase todos os capítulos, sem os conhecidos pecados do anacronismo que poderiam fragilizar o nível conceitual do livro, que é sólido e, em alguns casos, incorpora as inovações da própria historiografia brasileira: *conjunturas econômicas* em lugar de *ciclos econômicos*; *exclusivo colonial* em lugar de *monopólio colonial*; *hegemonias* em lugar de *dominação* de classe - e muitos outros exemplos de maior densidade analítica.

É pena que este saudável desejo de colocar o leitor a par das controvérsias não se realize em temas tão importantes do período da Primeira República, como a organização das classes trabalhadoras, a definição da estrutura social hegemônica ou a Revolução de 1930 - temas para os quais Boris Fausto estaria melhor situado e mais à vontade para analisar, já que seu trabalho como historia-

dor foi voltado para este período da história brasileira. A gramática da história é marcada pela relatividade do sujeito temporal - e isso parece-nos válido, sem exceções, para todos os períodos ou temas históricos.

Outra ausência sensível foi reconhecida pelo autor no prefácio: “[deixei] de lado as manifestações da cultura, tomada a expressão em sentido estrito”. Admitindo-se a pertinência do recorte sócio-econômico e político e, mesmo, a programação de um outro livro, na mesma coleção, sobre literatura brasileira, ainda assim trata-se de uma ausência lamentável. Mesmo no âmbito de algumas análises das estruturas sociais e/ou políticas, é muito difícil não se utilizar de algumas iluminações históricas, fornecidas por textos literários ou notações artísticas. Às vezes fica mais fácil entender certas particularidades da sociedade brasileira no Império com algumas crônicas de Machado de Assis; ou as crises da Primeira República a partir das criações modernistas. Mesmo o mais ferrenho crítico das tendências “culturalistas” da historiografia atual acabará por reconhecer que uma história depurada das manifestações culturais parecerá, no mínimo, aborrecida e descarnada. Mas o autor parece perceber que, nesse campo, ficaria mais sujeito ao circuito repetitivo dos livros didáticos e tem, pelo menos, a honestidade de justificar-se: “Entre tentar ‘incluir tudo’, com o risco da incongruência, e limitar-me a estabelecer algumas conexões de sentido básicas, preferi a segunda opção” - adverte o autor na introdução.

O estilo é sóbrio e amplamente adequado às finalidades didáticas. Curiosamente, o teor analítico predomina em todo o texto, com pouquíssimas concessões à narrativa, sobretudo em eventos, como a vinda da Família Real para o Brasil, rejeitados como “episódios novelescos”. O resultado dessa ênfase exagerada na análise é que, em alguns temas, o texto fica extremamente desinteressante pois dá a impressão de não existirem pessoas e vidas no tecido da história, apenas estruturas e processos. Mas não há oposição absoluta entre ver a história como geologia social ou como um drama humanizado, embora esta *História do Brasil* opte claramente pela primeira alternativa. O que a historiografia mais recente tem mostrado é que não há nenhum conflito entre estas modalidades de explanação histórica:



nem sempre a narrativa é anedótica e trivial, pelo contrário, às vezes ela consegue fazer-se viva, articulada e interessante sem perder nada do seu rigor conceitual.

Um livreiro amigo, homem de alma simples e generosa, diagnosticou, certo, o grande problema do livro didático: “professor, nesta área nada se cria, tudo se copia!”. Mas talvez o problema do livro didático seja menos a cópia do que aquilo que Stephen Jay Gould designou, a propósito dos livros de biologia, de “clonagem” - clonagem de frases, anedotas, estilos argumentativos, seqüências de assuntos e, até, ilustrações, gráficos e mapas. Esta tendência de clonagem acelerou-se de maneira espantosa na medida em que preocupações mercadológicas predominaram sobre critérios culturais e pedagógicos na composição dos livros didáticos. Pensar por conta própria sempre foi mais difícil do que tomar

emprestado, e os autores de livros didáticos quase sempre escolheram o caminho mais fácil, a clonagem, de estilo e de conteúdo, de um “líder do mercado” - na enxuta expressão do meu amigo livreiro. Mas nem sempre a culpa é dos autores pois dificilmente eles conseguem determinar o conteúdo e as formas de explanação, sujeitos aos circuitos comerciais das editoras e de outros empacotadores da cultura.

Passando longe do circuito da clonagem, *História do Brasil*, de Boris Fausto, articula-se com os estudos e contribuições mais recentes da historiografia brasileira. Este talvez seja o aspecto mais inovador do livro, sobretudo porque possibilita estabelecer relações do passado com a atualidade, ver o presente como um fluxo, como um tempo passível de transformação - talvez a única maneira de fomentar uma empolgação autêntica e um interesse genuíno pela história.

CENA DA  
BATALHA  
DO AVAÍ